



Conhecimento à prova

Entusiasmo e alegria marcaram a disputa entre os 24 competidores de diversas faculdades do Estado, na Gincana Mineira de Economia, realizada

pelo Corecon-MG em Belo Horizonte (MG), no final de agosto. O jogo eletrônico, elaborado pelo economista Paulo Sandroni, abordou questões sobre teóricos e econo-

mia brasileira. Henrique Augusto Campos Fernandez Hott e Lucas Souza Silva (na foto, à esquerda) foram os grandes vencedores desta 6ª edição • (Páginas 4 e 5)



EVANDRO FUZZA

Bem preparadas, as duplas enfrentaram um jogo mais difícil, que trouxe questões de 50 diferentes teóricos

Legados da Copa

A Copa do Mundo veio e passou. E agora, o que ficou como legado deste megaevento no país? Números parciais indicam que foi bom o resultado do Mundial, mas especialistas dizem que ainda é cedo para saber quais foram os reais efeitos para a economia. • (Página 6)



Os brasileiros deram show de simpatia e hospitalidade

Compasso de espera

Aguardada por economistas de todo o Brasil, a aprovação da matéria de autoria do Senador Inácio Arruda (PCdoB) que moderniza a legislação dos economistas segue em compasso de espera. Em decisão terminativa na Comissão de Assuntos Sociais (CAS), desde dezembro de 2013, recebeu pedido de vista do Senador José Agripino Maia (DEM-RN), antes de a matéria ser submetida à votação. Nesta edição, o coordenador da Comissão de Normas e Legislação do Conselho Federal de Economia (Cofecon) e conselheiro federal por Minas Gerais, Róridan Penido Duarte, atualiza informações sobre o processo. • (Página 3)

Que vexame, que nada!

Surpresa é uma boa definição para a Copa de 2014. O maior espetáculo esportivo do globo surpreendeu o mundo dentro e fora das quatro linhas. O “Imagina na Copa” foi inimaginável. A tensão dos nossos atletas se contrapunha à alegria das praças. A arrogância do nosso treinador se evaporava com a cordialidade do brasileiro. As ruas foram tomadas pela juventude. Alegria, descontração era o clima reinante.

A campanha pífia da nossa Seleção fissurou o consenso dos comentaristas pré-Copa. Os históricos dez gols conquistados pela Europa nas fases final e semifinal formaram uma nova concepção. O pêndulo oscilou num movimento ciclotímico e agora a Seleção é o escárnio. Será?

O Brasil não é a turma do “Imagine na Copa”, nem do novo consenso sobre a Seleção. É plural, democrático, alegre, dinâmico e cordial, assim como é desigual, injusto, violento e condes-

centente. O Brasil não cabe nas grades dos analistas de plantão.

De todo modo, a campanha vexatória da equipe canarinho em nada ofuscou o sucesso do evento. Isso porque esta Copa é campeã em números e em excelência de infraestrutura, em razão não apenas de todo esforço institucional para que fosse realizada no Brasil como também pela característica respeitosa e hospitaleira de seu povo. O evento cumpriu sua função mais importante, a convivência humana com todos que por aqui passaram. Pesquisa da Fundação Instituto de Pesquisa Econômica (Fipe) mostra que, dos 438 jornalistas internacionais que cobriram o Mundial, 98,6% o avaliam como bom e muito bom e 96,5% recomendariam aos amigos, familiares ou ao próprio público, uma viagem ao Brasil.

Outro alvo de previsões catastróficas — os aeroportos — não resistiu aos fatos. Os cerca de 600 mil turistas estrangeiros e outros 3,1 milhões de brasileiros que se des-

locaram durante o torneio presenciaram índices de atrasos e cancelamentos muito abaixo da média internacional, segundo dados compilados pela Secretaria de Aviação Civil, com base no desempenho dos 21 principais aeroportos do país.

Ademais, uma breve análise dos principais indicadores econômicos disponíveis no Ipea/Data, a saber, taxa de inflação, taxa de câmbio, taxa de juros Selic, demonstram estabilidade nas variações antes, durante e pós Copa. Tais resultados contrariam as previsões catastróficas realizadas até às vésperas do Mundial.

De todo modo, o que importa agora é agregar em nossa economia todo esse legado de infraestrutura e negócios para que possamos transformar estes números em ganhos permanentes. É necessário fazer deste momento a verdadeira vitória para a nossa economia e a sociedade brasileira.

Boa leitura!

Conselho Editorial

OUVIDORIA

Linha direta

Ouvidoria fortalece comunicação transparente com a categoria

Espaço de fortalecimento da democracia participativa e de mediação de conflitos, a Ouvidoria do Corecon-MG é uma importante ferramenta no aprimoramento da atuação da entidade. Entre as suas atribuições está o acolhimento isento e independente de manifestações dos registrados e da sociedade em geral, sejam elas reclamações, denúncias, sugestões ou questionamentos não solucionados pelos canais de atendimento convencionais do Conselho.

“A Ouvidoria é a escuta da própria categoria. Toda instituição precisa ouvir os seus parceiros e esse canal de diálogo é um espaço importante de participação. Estamos ali para ouvir as pessoas e para ser representante do economista dentro da instituição”, define o psicanalista, ouvidor e conselheiro do Corecon-MG, Antônio de Pádua Galvão.



Antônio de Pádua Galvão, ouvidor do Corecon-MG

Além de garantir que as demandas sejam tratadas de forma imparcial e justa, a Ouvidoria também ajuda a identificar eventuais falhas na prestação dos serviços e a transformar as reclamações em melhorias e qualidade no atendimento. Por isso, sugestões que ajudem a solucionar os desafios da entidade são sempre

bem-vindas. “Precisamos dialogar cada vez mais, aproximando os registrados do Conselho e avaliando os aspectos em que podemos melhorar”, enfatiza Galvão.

Quando acionar a Ouvidoria?

No pós-atendimento, quando o registrado já foi atendido em algum setor do Corecon-MG e deseja fazer reclamações, sugestões, críticas aos serviços ou ao atendimento recebido.

Como entrar em contato?

Basta acessar o site www.portaldoeconomista.org.br e preencher o formulário disponível no link Ouvidoria. Para quem preferir ligar, o número (31) 3261-5806 está disponível das 9h às 18h, de segunda a sexta-feira (exceto feriados). É possível também agendar um horário para atendimento presencial ou por telefone.

Modernização adiada

Pedido de vista paralisa tramitação de projeto de lei que atualiza legislação dos economistas

Já debatido nas comissões de Educação, Cultura e Esportes (CE) e de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado Federal, o Projeto de Lei do Senado nº 658, que moderniza a legislação dos economistas, tramita em decisão terminativa na Comissão de Assuntos Sociais (CAS), desde dezembro de 2013. Depois de receber parecer favorável do relator Senador João Vicente Claudino (PTB), a expectativa da categoria era ver o texto aprovado naquela Comissão ainda no mês de maio, para posterior análise na Câmara dos Deputados. Mas, apesar de incluída na pauta da reunião do dia 14 de maio, os planos da categoria foram adiados por causa de um pedido de vista do Senador José Agripino Maia (DEM-RN), antes de a matéria ser submetida à votação.

Aguardada por economistas de todo o Brasil, a aprovação da matéria de autoria do Senador Inácio Arruda (PCdoB) representa um divisor de águas para a classe, que anseia pela modernização da lei que regulamenta a profissão, criada há mais de seis décadas. O texto contribui principalmente para a ampliação das áreas profissionais do economista, delineando com mais clareza o campo de atuação desses profissionais e esclarecendo as atividades privativas e inerentes ao exercício da profissão. “O Senador Agripino Maia justificou seu pedido de vista justamente nesse artigo que define as atividades privativas dos economistas. Segundo ele, a proposição afeta os interesses dos administradores”, explica o coordenador

da Comissão de Normas e Legislação do Conselho Federal de Economia (Cofecon) e conselheiro federal por Minas Gerais, Róridan Penido Duarte.

Para solucionar o impasse, a Senadora Lúcia Vânia (PSDB-GO) sugeriu a realização de uma audiência pública, pedido aceito pelo Senador Agripino Maia. Seguindo orientação do próprio parlamentar, o Cofecon procurou o Conselho Federal de Administração (CFA), em julho, na tentativa de alinhar um acordo antes da audiência. “Eles pedem a retirada da palavra financeira de todos os itens do referido artigo. Em contrapartida, sugerimos a inclusão de um parágrafo que destacasse as atividades relacionadas à administração financeira como não pertencentes ao texto. Assim, ficaria explícito que não temos a intenção de ocupar o mercado deles. E eles aceitaram”, pondera Duarte.

O acordo firmado entre as duas categorias será levado em breve ao Senador José Agripino Maia, que poderá autorizar a inclusão do tema na pauta de votação, sem a necessidade de audiência pública.

União da classe

Como a valorização e atualização da atividade profissional do economista é o tema central do Projeto de Lei do Senado nº 658, a aprovação da matéria tem sido tratada pelo Cofecon e conselhos regionais como prioritária. O assunto foi um dos destaques do XXIV Simpósio Nacional dos Conselhos de Economia (Since) que reuniu os presidentes dos Corecons, em Goiânia (GO), entre os dias 3 e 6 de

setembro. “A pauta é de interesse de todos os economistas, que precisam estar atentos e conscientes quanto à sua importância. Quando o projeto for para a Câmara dos Deputados, o embate tende a ser maior e os conselhos precisarão acionar os deputados com os quais têm afinidade para persuadi-los sobre a importância da aprovação do projeto”, prevê Duarte.

Diferencial

Em tramitação no Senado Federal há sete anos, o texto corrige aspectos importantes da legislação de 1951, que não acompanhou a evolução da profissão na sociedade contemporânea. Um deles é o que o coordenador da Comissão de Normas e Legislação do Cofecon chama de “regra de ouro do economista”, por definir pela primeira vez um mercado de trabalho cativo para a classe, que apenas ela poderá desempenhar, a exemplo de outras profissões: “A ART (Anotação de Responsabilidade Técnica) de uma obra só pode ser feita por um engenheiro, assim como um balanço de empresa por um contador e uma petição do judiciário por um advogado. No caso do economista, o projeto de lei estabelece a elaboração de orçamentos públicos como atividade cativa da categoria”, explica Duarte que, com a mudança, prevê novas vagas de trabalho para os economistas no país.



Desafio que aproxima

Gincana Mineira testa conhecimento de alunos de economia e favorece a integração entre futuros colegas de profissão



FOTOS: EVANDRO FIUZA

Expectativa e espírito competitivo marcaram o início das atividades da gincana

Encontrar soluções para os problemas econômicos do Brasil. Esse foi o desafio enfrentado por 24 estudantes de economia de 12 faculdades de Minas Gerais na 6ª edição da Gincana Mineira de Economia. A tradicional disputa realizada anualmente pelo Corecon-MG testou o conhecimento dos universitários por meio do jogo eletrônico desenvolvido pelo economista e professor da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, Paulo Sandroni.

Alunos que jogavam cartas de baralho em sala de aula foram a inspiração para criar a brincadeira, posteriormente adaptada para o computador. "Aperfeiçoamos o jogo constantemente, mas em essência trata-se de um desafio que envolve sorte, pensamento estratégico e conhecimento", explicou Sandroni. Durante a abertura da competição, no dia 28 de agosto, no Centro Universitário UNA, em Belo Horizonte, o professor anunciou que o jogo estava mais difícil desta vez e que os estudantes teriam que resolver questões sobre 50 diferen-

tes teóricos, além de dez perguntas sobre economia brasileira. "As questões sobre os economistas abarcam um curso completo de graduação em Economia e até da pós-graduação. Em quatro anos de faculdade não é possível ver todos os autores, daí a importância de estudar também por conta própria", destacou.

É o que tem feito o aluno do 7º período da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Douglas Oliveira Araújo. Veterano na disputa — ao lado do colega Aroldo Rodrigues Soares Junior, ele faturou o terceiro lugar na edição de 2013 da competição —, Douglas tem levado o aprendizado adquirido na Gincana para a sala de aula. "Estou usando alguns teóricos que vi no jogo, mas que não havia conhecido na faculdade, na minha monografia", revela.

Sintonia

Na disputa desse ano, a dupla veio com tudo para faturar a primeira posição, mas foi superada pelos alunos do

8º período da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Lucas Souza Silva e Henrique Augusto Campos Fernandez Hott, campeões da 6ª edição. Com a vitória, premiada em R\$ 2 mil, a dupla participou da etapa nacional da disputa, realizada pelo Conselho Federal de Economia (Corecon), em setembro, em Goiânia.

Colegas de classe desde o 1º período, Lucas e Henrique contaram com a sintonia entre eles para vencer os adversários. "Esse foi o nosso segredo. Confiamos muito um no outro e isso nos trouxe calma para responder as perguntas", avalia Lucas.

Para o acadêmico, o grande diferencial da Gincana Mineira é promover a integração entre os alunos participantes. "Competir é importante, vencer é gostoso. Mas o maior ganho é conhecer os nossos futuros colegas de trabalho", ressalta ele.

Preparação

Não faltou disposição para a dupla de estudantes da Universidade

Federal de Uberlândia (UFU), Gilberto Oliveira Boaretto e Gustavo Mapeli Borges encarar a disputa. Eles vieram para a Gincana com a responsabilidade de representar a instituição que foi campeã em 2011, 2012 e vice em 2013. "Como a UFU tem tradição na Gincana, procuramos conversar com os alunos que participaram nos anos anteriores, em busca de dicas de estratégia", conta Boaretto.

Já a dupla da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), formada por Pedro Henrique de Abreu Paiva e Rafaela Maiara Caetano, se antecipou à disputa por meio do simulador do jogo disponibilizado pelo Corecon-MG. "Treinamos durante duas semanas, cerca de duas horas por dia. Queríamos ter praticado mais, mas não foi possível por causa das atividades acadêmicas", explica Pedro.

Quem também estava na expectativa pelo evento foi o aluno da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Bruno Medeiros de Oliveira, que ao lado de Graciele Facioli Carneiro, conquistou o quarto lugar. "Já tinha



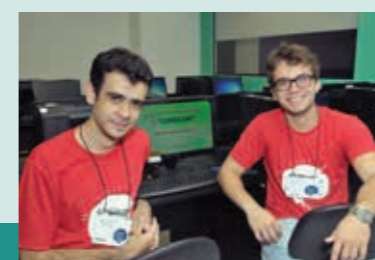
Concentração e afinidade mútua foram essenciais para as duplas

uma ideia de como seria o jogo. Minha irmã ficou em primeiro lugar no ano passado e me motivou a vir. Fiquei muito satisfeito de ter chegado às quartas de final", alegra-se Bruno, aluno do 2º período.

Foi tamanho o comprometimento dos 24 alunos na competição, que já há expectativa para a edição de 2015. "Foi um momento único e muito importante para a troca de

experiência entre os alunos. Aprendi muito e, ano que vem, venho pra ganhar", afirma a aluna do 4º período do Centro Universitário de Caratinga (UNEC), Sarah Lucília Batista Lopes.

Premiados



2º lugar (R\$ 1 mil)

Aroldo Rodrigues Soares Junior e Douglas Oliveira Araújo
Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)

1º lugar (R\$ 2 mil)

Lucas Souza Silva e Henrique Augusto Campos Fernandez Hott
Universidade Federal de Viçosa (UFV)



3º lugar (R\$ 500)

Ana Clara Barbieri e Caroely Raiany Almeida
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Sul de Minas Gerais (FACESM)



Números preliminares

Entre os legados, a contribuição para fortalecer as relações culturais e a autoestima do brasileiro

A escolha do Brasil para sediar a Copa do Mundo, em 2007, gerou uma onda de euforia no país e uma grande mobilização de governos estaduais e prefeituras para a participação no torneio. No centro dos debates, os possíveis benefícios que o megaevento poderia trazer para a economia nacional. O Mundial presumidamente estimularia a atividade econômica, no sentido de modernizar a infraestrutura de transporte, desenvolver a mobilidade nas cidades-sede, impulsionar o turismo internacional e, claro, gerar trabalho e renda. Estas e outras promessas ajudaram a potencializar a expectativa pelo legado econômico do evento no Brasil.

Fato é que ainda vai levar algum tempo até que o impacto exato da Copa na economia seja conhecido. Os números só poderão ser colocados à prova a partir de 2015, quando os índices relativos aos PIBs regionais e municipais, emprego e turismo estiverem disponíveis. “Os dados de atividade econômica vão demorar um ano ou dois para serem divulgados. É o tempo que o IBGE demora para compilar e tratar essas informações”, explica Edson Domingues, professor da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Segundo levantamento coordenado pelo economista antes da Copa, os impactos dos investimentos em infraestrutura urbana e estádios realizados em função do Mundial devem representar apenas 1% do PIB brasileiro no período entre 2010 e 2014 e 0,1% neste ano. “Como muitos projetos não foram executados e outros custaram mais que o esperado, a expecta-

tiva é a de que o impacto esteja dentro do que havíamos projetado”, avalia.

Os números modestos do estudo destoam de diversas estimativas de órgãos oficiais e consultorias privadas divulgadas antes do evento. Para Domingues, na maioria das vezes, argumentos sobre ganhos expressivos têm por base estudos de impactos econômicos encomendados pelos governantes ou empresas esportivas para justificar seus investimentos. “É uma forma de vender o evento, trabalhando com as hipóteses mais favoráveis possíveis”, observa o professor. Entre as divergências, destaca-se também, por exemplo, a estimativa do total de empregos gerados. No estudo da UFMG, a previsão era de 158 mil postos. “Esse número é dez vezes menor do que o divulgado pelo governo”, ressalta.

Para o professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Marcelo Weishaupt Proni, previsões superestimadas indicam que os cenários iniciais também não consideraram o desaquecimento econômico dos últimos anos, que teria inibido investimentos em algumas áreas. “A partir de 2011, a economia brasileira começou a desacelerar e o setor privado a postergar investimentos. Na área de hotelaria, por exemplo, o que foi destinado nos últimos anos, ficou aquém do que se imaginava”, afirma (confira entrevista completa sobre o tema na página ao lado).

Avanços significativos

Enquanto os especialistas divergem sobre os impactos econômicos do Mundial, é preciso contabilizar também o legado do ponto de vista organizacional e o potencial

de atração de novos turistas e investimentos no longo prazo. Salto enorme em termos de projeção do país e de capacidade de atender ao turista, a Copa contribuiu para ampliar as relações culturais com outras nações e fortalecer a autoestima do povo brasileiro.

O Mundial foi teste para pontos nevrálgicos do país, como segurança pública, mobilidade urbana e infraestrutura de aeroportos e telecomunicações. O balanço da Copa do Mundo da FIFA 2014, divulgado em julho, logo após o evento, destacou a presença de 846,6 mil estrangeiros, dos quais 95% declararam desejo de voltar. Os aeroportos sustentaram uma demanda de 16,7 milhões de passageiros e os estádios acolheram 3,4 milhões de pessoas. Números que exemplificam a superação dos prognósticos negativos sobre a competição.

O investimento para a Copa — cerca de R\$ 26 bilhões, de acordo com a última atualização da Matriz de Responsabilidades, documento oficial que reúne todas as intervenções relacionadas aos estádios, turismo, telecomunicações, portos, segurança, dentre outros — pode até não representar um amplo impacto na economia nacional, mas representa avanços significativos no país. Foi, afinal, por meio da Copa que vários estádios, entre eles o Mineirão, em Belo Horizonte (MG), foram construídos e reformados. Na capital mineira, os investimentos em Confinis e a melhoria nas condições de acessibilidade e mobilidade urbana com o novo sistema de transporte rápido por ônibus são realidade para a população.



Copa do Mundo foi campeã em números e em excelência de infraestrutura. Estádios receberam 3,4 milhões de pessoas

Além da conta

Mais do que impacto econômico, a Copa alertou a população e contribuiu para o debate social

A capacidade dos eventos de grande porte, como a Copa do Mundo, em produzir benefícios para as economias locais de modo mais permanente é sempre questionada. Nos últimos anos estudos para estimar os possíveis efeitos do Mundial na economia brasileira apontaram resultados divergentes. De um lado, pesquisas otimistas citadas pelos promotores do evento. De outro, especialistas advertindo que a competição poderia decepcionar quem esperasse um efeito econômico significativo. É o que mostra, em entrevista exclusiva ao Agenda Econômica, o diretor-associado do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Marcelo Weishaupt Proni, autor do livro “Impactos Econômicos de Megaeventos Esportivos”.

A sua obra mostra que os benefícios econômicos das últimas edições da Copa do Mundo (Alemanha, 2006 e África do Sul, 2010), ficaram aquém das projeções. No Brasil, as expectativas foram superestimadas?

A Copa do Mundo e também os Jogos Olímpicos chegaram num contexto econômico nacional muito positivo. Havíamos superado rapidamente a crise em 2009; em 2010 a economia cresceu mais de 7% e havia expectativas positivas em função de investimentos em infraestrutura e no pré-sal. Esta espécie de catalisador ajudou a criar uma atmosfera de otimismo e confiança no desempenho da economia brasileira. O que se vê, no entanto, é que as metodologias utilizadas para fazer essas estimativas — construída com base no potencial máximo desses eventos — tendem a superestimar os impactos econômicos e, para que essas estimativas se confirmem, é importante a participação do setor privado. Quanto maiores os investimentos, maior o potencial de impacto.

No Brasil, essa participação não foi elevada...

Até 2010 se acreditava que os investimentos seriam muito bons. Mas, a partir de 2011, a economia começou a desacelerar e o setor privado a postergar investimentos. E não foi por falta de financiamento do BNDES, que abriu linhas especiais para projetos relacionados à Copa do Mundo. O volume total de gastos permaneceu em torno de R\$ 26 bilhões. O que houve foi

uma mudança do ponto de vista do legado. Quando a Copa foi se aproximando — e os projetos mais ambiciosos foram retirados da Matriz de Responsabilidade em várias cidades-sede, porque eles não ficariam prontos — houve uma retração da participação privada. Uma coisa é o impacto ficar, por exemplo, na forma de metrô ou duplicação de uma avenida. Outra coisa é um estádio, que não necessariamente beneficiará a cidade, apenas determinados segmentos.

Quem mais se beneficia com a Copa e quem mais perde?

A Copa do Mundo favoreceu alguns segmentos econômicos, como a construção civil, que gerou empregos e uma série de serviços. O turismo internacional também foi beneficiado com a projeção positiva do país no exterior. A produção industrial, em alguns setores, comércio e hotéis fora do circuito, foram um pouco prejudicados. Mas, nem a Copa ou Jogos Olímpicos conseguiriam transformar as cidades nem poderiam resolver todos os problemas do Brasil. Por outro lado, também não trazem grandes prejuízos. Se as projeções de crescimento econômico de 2010 tivessem se mantido, talvez a Copa fosse considerada muito mais importante.

A Copa pode representar algum prejuízo econômico para o país? Por exemplo, por meio do endividamento do setor público?

Foi fundamental a participação do Estado neste megaevento, mas o volume de recursos alocado na Copa foi muito pequeno em relação ao montante de que o Governo Federal dispõe para investir. A economia brasileira, com um grande PIB, tem um porte que permite absorver de forma muito tranquila gastos da ordem de R\$ 26 bilhões. O PAC 2, por exemplo, que correspondente ao período de 2011 e 2014, previa um gasto da ordem de quase R\$ 1 trilhão de investimento. Os R\$ 26 bilhões da Copa representam cerca de 3% desse total. O BNDES, que concedeu financiamento para a reforma dos estádios de R\$ 4 bilhões, empresta por ano mais de 160 bilhões.

E no caso das prefeituras?

Para os municípios, a construção dos estádios pode, sim, gerar impactos nos anos seguintes. Acontece que, por te-



Marcelo Proni: “A Copa nos ajudou a exigir transparência”

rem sido feitos por meio de parcerias público-privadas, que estabelecem prazos muito dilatados para as concessões e contrapartidas anuais elevadas, as contas serão pagas, em boa medida, por segmentos da população que nunca terão oportunidade de conhecer tais arenas.

Belo Horizonte está nesta situação?

Em Belo Horizonte, o Mineirão será usado bastante, mas me preocupa mais onde não existe um futebol forte e a possibilidade de shows não é elevada. O custo final do Mané Garrincha e das obras do entorno, por exemplo, foi um absurdo. Talvez fosse possível fazer um estádio muito bom com metade do que foi gasto. Esse é outro aspecto da Copa: ela nos ajudou a fiscalizar mais o gasto público, a exigir transparência.

O fato de a população estar mais atenta e questionar é um tipo de legado intangível...

Sim. Toda essa discussão sobre padrão Fifa foi algo que mexeu com as pessoas. Do ponto de vista social, a Copa provocou uma discussão maior na sociedade a respeito das consequências do gasto público e exigir melhorias na qualidade dos serviços prestados à população. O fato de a Copa não provocar um impacto econômico muito positivo, não significa que a população não gostou de ter recebido o evento.

Livros



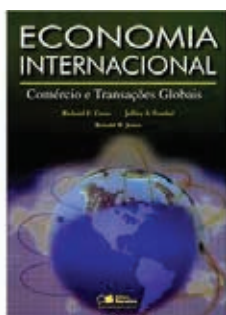
OS LIMITES DO POSSÍVEL: A ECONOMIA ALÉM DA CONJUNTURA

AUTOR: André Lara Resende

PÁGINAS: 288

EDITORA: Companhia das Letras **PREÇO:** R\$ 49,90

Qual é o limite entre o crescimento econômico e a capacidade física do planeta? O bem-estar e a felicidade estão diretamente relacionados a crescimento e riqueza? São alguns dos dilemas que André Lara Resende analisa em *Os Limites do Possível*. Para ele, a sociedade vive uma crise ampla e não cíclica, indicada, entre outros aspectos, pela persistência, por anos, da inflação e das elevadas taxas de juros, mesmo após a estabilização do real. Apesar do cenário desalentador, o autor oferece caminhos em prol da retomada do crescimento, apontando novas perspectivas.



ECONOMIA INTERNACIONAL: COMÉRCIO E TRANSAÇÕES GLOBAIS

AUTOR: Richard Caves **PÁGINAS:** 598

EDITORA: Saraiva **PREÇO:** R\$ 187,00

Clássico da literatura de economia, em sua oitava edição, o livro permanece atual e abrangente. Aborda temas importantes, como economia política do comércio internacional, sua relação com o desenvolvimento econômico, controles comerciais dos países, entre outras questões indispensáveis ao estudo deste tema. A publicação de leitura obrigatória, é considerada raridade por especialistas ao redor do mundo.



OS GRANDES ECONOMISTAS

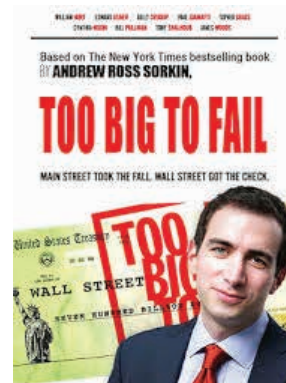
AUTOR: Jean-Claude Drouin **PÁGINAS:** 173

EDITORA: Martins Editora **PREÇO:** R\$ 35,28

Uma curta biografia com a síntese das obras de nove grandes economistas que, incontestavelmente, contribuíram para a ciência econômica mundial é apresentada neste livro de Drouin. Os conceitos e teorias de Adam Smith, David Ricardo, Jean-Baptiste Say, Thomas Robert Malthus, Karl Marx, Léon Walras, John Maynard Keynes, Joseph Schumpeter e Milton Friedman, são apresentados numa abordagem atual de suas

obras, perspectivas e influência que exerceram na condução das políticas públicas em todo o mundo.

Filme



GRANDE DEMAIS PARA QUEBRAR (TOO BIG TO FAIL)

ANO: 2011 **DIREÇÃO:** Curtis Hanson

PAÍS DE ORIGEM: Estados Unidos

GÊNERO: Drama

DURAÇÃO: 98 minutos

Baseado em fatos reais, este filme, inspirado no livro do jornalista Andrew Ross Sorkin, torna-se imperdível, por revelar o que está por trás da "farsa com o nome de crise", iniciada em 2007, nos Estados Unidos. A história aborda os momentos mais críticos das negociações para salvar os bancos americanos que entraram em processo de falência após o estouro da bolha imobiliária. Produzido pela HBO, o filme é apresentado do ponto de vista do secretário do Tesouro dos Estados Unidos Henry Paulson (interpretado por William Hunt), que abandonou o cargo de CEO do Goldman Sachs.



Presidente: Antônio de Pádua Ubirajara e Silva | **Vice-presidente:** Pedro Paulo Moreira Pettersen | **Conselheiros efetivos:** Antônio de Pádua Galvão, Cláudio Gontijo, Daniela Almeida Raposo Torres, Frederico Gonzaga Jayme Junior (licenciado), Leonardo Pontes Guerra, Lourival Batista de Oliveira Júnior, Luiz Cláudio Portela Ferreira e Silvânia Maria Carvalho de Araújo | **Conselheiros suplentes:** Carlos Aníbal Nogueira Costa, Moisés Machado e Raimundo de Sousa Leal Filho | **Delegado eleitor efetivo:** Cláudio Gontijo | **Delegado eleitor suplente:** Pedro Paulo Moreira Pettersen | **Delegados Regionais:** Cássio Silveira da Silva (Uberaba), David Rebelo Fiorito (Poços de Caldas), Douglas dos Santos Barduzzi (Governador Valadares), Evonir Pontes de Oliveira (Viçosa), Jason de Oliveira Duarte (Sete Lagoas), Leonardo Baldez Augusto (Uberlândia), Luiz Eduardo de Vasconcelos Rocha (São João Del Rey), Maria Isabel da Silva Alvim (Juiz de Fora), Maurílio Gomes de Magalhães (Itajubá), Ruperto Benjamin Cabanellas Vega (Itaúna) | **Gerente-executivo:** Loir Vasconcelos



CONSELHO EDITORIAL: Antônio de Pádua Galvão, Daniela Almeida Raposo Torres, Leonardo Pontes Guerra e Lourival Batista de Oliveira Júnior

REDAÇÃO E EDIÇÃO:

Outono Comunicação Estratégica Ltda.

Editores: Maria Carmen Lopes e Roselena Nicolau

Colaboradores: Camila Freitas e Ione Maria Nascimento

Diagramação: Erika Tonetti e Esdras Diniz

CORRESPONDÊNCIA:

Rua Paraíba, nº 777 – Funcionários | CEP: 30130-140 – Belo Horizonte – MG
Tel.: (31) 3261-8127 | ascom@corecon-mg.org.br | www.portaldoeconomista.org.br
Órgão Informativo do Conselho Regional de Economia de Minas Gerais